Correio da Manhã

Circula em conjunto com:
CORREIO PETROPOLITANO
CORREIO SUL FLUMINENSE

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 6 de Março de 2025 - Ano CXXIII - Nº 24.720

Hollywood de portas abertas para Fernanda Torres
PÁGINA 3



Monobloco celebra 25 anos de batuques
PÁGINA 5



Carne de búfalo inspira festival gastronômico
PÁGINA 7





O2 Filmes/Divulgação

Seu Jorge tem uma atuação visceral no papel do guerrilheiro e poeta Carlos Marighella

'Marighella' do Brasil

Interesse por retratos audiovisuais sobre a ditadura despertado pelo oscarizado 'Ainda Estou Aqui' amplia a visibilidade do thriller político dirigido por Wagner Moura com Seu Jorge

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Falta uma semana para a estreia (na Apple TV) da série "Ladrões de Drogas", novo projeto do baiano Wagner Moura em terras estrangeiras, e, em meio à espera por essa produção com a grife de sir Ridley Scott na produção, um dos trabalhos de maior prestígio do ator volta a gerar cliques no streaming, a reboque do clima de louvor ao cinema brasileiro impulsionado pelo Oscar dado a "Ainda Estou Aqui". Como o sucesso de bilheteria de Walter Salles escancarou a brutalidade da ditadura militar para o mundo, filmes associados ao período em que o país viveu sob o controle dos militares têm atraído novos olhares e gerado debate como é o caso de "Marighella", que marcou a estreia de Wagner como realizador, há seis anos.

A produção está no Globoplay e hoje angaria novos espectadores na base de assinantes da plataforma. O astro tem mais um título ligado aos anos de chumbo por vir, quiçá em maio, no Festival de Cannes: "O Agente Secreto", de Kleber Mendonça Filho. Até lá, a voz do guerrilheiro e poeta Carlos Marighella (1911-1969) ecoa noutras latitudes.

Esse eco nos dá aula de História. Quando "O País de São Saruê" (1971), obra-prima das narrativas documentais, foi vetado pela Censura, sob às ordens do regime golpista instaurado à força em 1964, ele recebeu um rótulo depreciativo: "Este filme fere a dignidade nacional". Essa designação, com o passar do tempo, transformou-se em um elogio, ao julgar quem o emitiu, no caso, uma força fardada que permaneceu 21 anos no Poder, sem pedir licença à nossa democracia.

Essa designação, com o passar do tempo, transformou-se em um elogio, ao julgar quem o emitiu, no caso, uma força fardada que permaneceu 21 anos no Poder, sem pedir licença à nossa democracia. Essa mesma força ganha uma abordagem crítica de "Marighella". Para alguns, ele também "fere" aquilo que se pressupõe "digno" por parte de uma ala avessa à arte da escuta.

Continua na página seguinte

'Esse filme tem a capacidade de fazer as pessoas sentirem a História e se aproximarem dela'

O desempenho de Seu Jorge no papel título contagiou a plateia por onde a fita passou, em especial no momento de uma entrevista a um jornalista francês que, ao interpelá-lo, para saber se ele é maoísta, leninista ou trotskista, recebe como resposta: "Sou brasileiro". Sua carreira comercial custou a acontecer.

Ele teve sua primeira projeção na Berlinale de 2019, em solo alemão, e só pode ser lançado comercialmente aqui dois anos depois, durante a pandemia da covid-19. Mesmo assim, quando saiu, gerou inchaço nas salas, com sessões esgotadas.

"Esse filme tem a capacidade de fazer as pessoas sentirem a História e se aproximarem dela, cada um à sua maneira", disse Seu Jorge ao Correio da Manhã na estreia.

Famoso por avaliar filmes a partir de percentuais numéricos de aprovação, o site Rotten Tomatoes registrou 88% de aprovação internacional ao longa de Wagner, que impressionou o Festival de Berlim pela precisão de suas sequências de ação, repletas de adrenalina, num grau que lembra a das aventuras de Vin Diesel. Na Europa, a partir de sua passagem por telas germânicas, "Marighella" foi recebido com cisão de gostos, mas foi respeitado por todos os fronts, pela maturidade com que um dos atores mais populares do Brasil - inclusive em âmbito mundial, tendo sido indicado ao Globo de Ouro por "Narcos" - passa ao posto de realizador, numa revisão de nosso passado, no fim dos anos 1960. "Não é apenas uma cinebiografia. É uma provocação", escreveu no "The New York Times" a crítica Devika Girish, que comparou o estilo de filmagem de Moura ao clássico político "A Batalha de Argel", Leão de Ouro de 1966.

O2 Filmes/Divulgação



Seu Jorge recebendo instruções de Wagner Moura, que fez sua estreia como diretor

O2 Filmes/Divulgação



'Marighella' estreou na Berlinale de 2019, mas só chegou aos cinemas em 2021 por causa da pandemia de covid-19

Estandarte de controvérsia - pela coragem de apostar na dialética ao apontar a luz e as trevas da direita e da esquerda – e de virtuosismo, por seu ritmo narrativo digno dos bons thrillers de Costa-Gavras (como "Z" e "Estado de sítio"), "Marighella" funcionou (extraoficialmente) para a reta final do festival alemão de seis anos atrás como se fosse um filme de encerramento. Aliás, um encerramento dos mais explosivos, para uma maratona de tônus político. Passou fora de competição pelo Urso de Ouro, mas agitou ânimos. Ainda teve direito a uma atuação devastadora de Bruno Gagliasso (digno de aplausos e elogios em muitas línguas) como Lúcio, o delegado que caça o guerrilheiro.

Na trama, escrita pelo ator e por Felipe Braga, o personagem de Seu Jorge confronta a esquerda com uma discussão sobre a importância estratégica da luta armada. Acaba expulso do partido em que milita por sua aposta em um contra-ataque com tiros e bombas. Seus feitos levam Lúcio (Gagliasso, numa atuação enraivecida, contagiante) a ampliar o cerco, vigiando o filho de Marighella, Carlinhos, um menino. Essa relação pai e filho aumenta o tônus de comoção que a narrativa causa, sensibilizando olhares sem se desviar de suas reflexões sobre opressão.

Para o eterno Capitão Nascimento, os elogios a seus astros e a sua técnica de narrar simboliza mais do que uma consagração artística pessoal. "Dirigi as cenas de ação desse filme como se fosse um thriller dos irmãos Dardenne", disse Wagner ao CORREIO, à época de Berlim, ao comentar a dose farta de adrenalina do longa, referindo-se aos cineastas belgas conhecidos por seu realismo seco, em filmes cultuados como "Rosetta" (Palma de Ouro de 1999).

Em 2024, Wagner estrelou o blockbuster "Guerra Civil", que pode ser visto hoje na MAX.

Reprodução TV



A premiação de Fernanda Torres chamou a atenção de Hollywood. Mas não foi somente o seu talento, já conhecido por aqui, que a levou tão longe. A brasileira assumiu com determinação e carisma a tarefa de ser o rosto da campanha de divulgação de 'Ainda Estou Aqui' em sua vitoriosa campanha rumo ao Oscar

Da Tijuca para **Hollywood**

O que pode acontecer com a carreira de Fernanda Torres após a campanha do Oscar

Por Alessandra Monterastelli (Folhapress)

Ainda que tenha perdido o Oscar de melhor atriz, Fernanda Torres já é queridinha de Hollywood. Ela cumpriu uma agenda árdua para a divulgação de "Ainda Estou Aqui" nos últimos meses e, apesar de ter sido preterida por Mikey Madison, de "Anora", vem conquistando diretores e produtores americanos que a podem escalar para futuras produções.

Com uma carreira prolífica, ela provou dominar todos os gêneros ao equilibrar papéis cômicos, caros ao público brasileiro, e dramas exigentes, como "Eu Sei que Vou te Amar", "O que É Isso, Companheiro?" e, agora, "Ainda Estou Aqui", que a lançaram ao mundo.

O caso de Fernanda é especial. Outras atrizes latino-americanas que seguiram carreira internacional já moravam nos Estados Unidos antes da indicação ao Oscar, penando para alcançar papéis de protagonismo, e chegaram ao prêmio com filmes americanos.

É o caso de Salma Hayek, que em 2003 concorreu à estatueta de atriz por "Frida". Ela já havia feito "Um Drink no Inferno", de Quentin Tarantino, e o faroeste "A Balada do Pistoleiro". Ana de Armas, última latina a concorrer antes da brasileira, também já tinha carreira em Los Angeles quando competiu com "Blonde", sobre Marilyn Monroe.

Catalina Sandino Moreno não tinha experiência prévia em Hollywood quando concorreu com o colombiano "Maria", em 2005. Foi cooptada, mas relegada a papéis menores em filmes de gênero, como policiais. Foi como Yalitza Aparicio, que não estrelou filmes americanos depois da comoção gerada por sua indicação com "Roma", de Alfonso Cuarón.

Mas elas todas passaram pela corrida discretamente, diferente de Fernanda Torres, que cativou a simpatia americana com desenvoltura e piadas em programas de auditório, ensaios fotográficos e entrevistas a alguns dos jornais e programas de televisão mais importantes dos Estados Unidos. Foi capa da Variety e da The Hollywood Reporter - que afirmou que a brasileira já era uma vencedora, mesmo sem a estatueta, por levar o cinema brasileiro tão longe.

Sua mãe, Fernanda Montenegro, não chegou nem perto de causar o mesmo rebuliço em terras estrangeiras há 26 anos, quando foi a primeira latino-americana a concorrer na categoria de melhor atriz com um filme não falado em inglês.

Mas Torres chegou aos holofotes em tempos mais propícios para brasileiros em Hollywood, com a indústria mais interessada em artistas não americanos. Rodrigo Santoro e Alice Braga, por exemplo, são nomes conhecidos em Los Angeles e contam com vários blockbusters no currículo, como "300" e "Esquadrão Suicida".

Recentemente, Seu Jorge e Gabriel Leone fizeram longas assinados por diretores renomados, como Wes Anderson e Michael Mann, e Wagner Moura foi a estrela de um dos filmes mais ambiciosos do ano passado, "Guerra Civil" - o ator se mudou para os Estados Unidos, inclusive.

Fernanda já disse que não pretende tentar a vida em Los Angeles. Ela chegou ao Oscar com uma carreira muito mais consolidada em seu país de origem do que Salma Hayek, Ana de Armas e Catalina Sandino Moreno. Sua trajetória lembra mais a de Marion Cotillard, que já era querida na França quando conquistou os Estados Unidos durante a campanha de "Piaf" para o Oscar - ela, inclusive, foi coroada melhor atriz.

Cotillard ainda é um rosto popular em produções francesas, mas vem estrelando vários filmes americanos desde a sua vitória.

Como sua mãe, Fernanda Torres demonstrou estar mais interessada em voltar a trabalhar no Brasil, onde já tem uma carreira consolidada. A decisão combina com o seu desejo de contribuir com a cultura brasileira, uma espécie de ideal que ela cultiva desde a juventude.

Ela afirmou, depois de vencer o Globo de Ouro de melhor atriz, algo que pegou todos de surpresa, que não separa carreira internacional e nacional e que faria um filme americano apenas se fosse seduzida pelo papel. No domingo, em entrevista no tapete vermelho do Oscar, disse que adoraria participar de um remake de "O Jovem Frankenstein".

Segundo o produtor Rodrigo Teixeira, a versatilidade de Torres pode levar a atriz a qualquer tipo de papel que ela seja convidada a representar, em qualquer lugar.

A atriz pode, ainda, seguir os passos de Isabelle Huppert, que, vale lembrar, jamais ganhou um Oscar, mesmo sendo considerada a diva do cinema mundial. Apesar de participações pontuais em Hollywood, a francesa priorizou filmes de seu país, onde já era considerada uma das primeiras damas da atuação e sempre pôde escolher os papéis que desejava.

Paramount Pictures/Divulgação



Andrew Garfield celebra o ritual da comunhão num Japão avesso ao Catolicismo em 'Silêncio', de Martin Scorsese

'Silêncio' em glória **de Scorsese**

TV Brasil empresta sua telinha ao filme proscrito do cultuado realizador, centrado na missão de jesuítas num Japão avesso à barbárie expansionista promovida pelo Ocidente

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Domingo é dia de Martin Scorsese na TV aberta. Às 21h30 deste 9 de março, a TV Brasil exibe "Silêncio" ("Silence", 2016), uma obra-prima que ficou proscrita, apesar de todo o prestígio do diretor. À época de seu lançamento, o longa-metragem fracassou no empenho de se consagrar como um êxito comercial. Custou US$ 50 milhões e faturou apenas US$ 23,8 milhões. Apesar disso, com o tempo, a produção voltou a ser incensada, com exibições em canais a cabo e convites para retrospectivas internacionais. É uma redenção para um fiasco. Tratando-se de uma trama com temática religiosa, redenção é, mesmo, "a" palavra.

Cordeiro de Deus, aquele que tira os pecados do mundo, é, há décadas, o motor imóvel da obra de Scorsese, desenhando sua obsessão pelo sacrifício como um gesto restaurador das relações entre os homens – mesmo relações com base em mecanismos sociológicos, tipo o crime.

É do sangue derramado de Travis Bickle que a Nova York de "Taxi Driver" (1976) pode sair do umbral da marginalidade mais rasteira. É da imolação da amizade de Henry Hill (Ray Liotta) pelos parceiros de máfia que o educaram que a célula mafiosa de "Os Bons Companheiros" (1990) se vê forçada a se redesenhar. É a doação de um menino a um universo de prestidigitação que permite a Georges Méliès uma chance de sair das sombras e assumir seu lugar de gênio do cinema em "A Invenção de Hugo Cabret" (2011).

Por isso, não poderia se esperar outra coisa que não fosse um herói sacrificante de "Silêncio", uma epifania em forma de filme que Scorsese nos dá de presente de sua imersão no romance homônimo do Graham Greene japonês: o escritor Shûzaku Endô. Tem alguma coisa nele de "O Deus e o Diabo na Terra do Sol" (1964), a Bíblia da fé glauberiana, do qual o realizador de "Os Infiltrados" (Oscar de melhor filme e direção em 2007) é fã: há algo do sertão de Glauber Rocha no Japão para os um jesuíta (Andrew Garfield, impecável) vai buscar seu mestre perdido entre uma horda de guerreiros que condena católicos a um mar de torturas (literalmente).

Pela lógica, um cordeiro será oferecido, no temor ou no tremor, ao Absoluto, de modo que a natureza (aquela com "n" minúsculo, a dos homens, da cultura) se harmonize no que pode ser chamado de um tratado de antropologia de 2h40m da mais esplendorosa fotografia que o mexicano Rodrigo Prieto já clicou, ao recriar um século XVII. Não por acaso, ele foi indicado ao Oscar por seu olhar. Fruto de um trabalho de imersão de 25 anos, tempo dedicado pelo cineasta à busca para viabilizar o projeto de filmar Endô, essa produção carrega algo de perpétuo (ou seja, de autoral) na obra de Scorsese: o interesse do diretor pelo perpétuo, pela permanência de certos valores, sobretudo a lealdade, palavra que corre sua obra tanto em ficções como Cassino (1994) quanto em documentários como Shine a Light (2008), sobre a liga dos Rolling Stones. Se existe algo que o vento não enverga, que o dinheiro não compra, que o sexo não ultrapassa é a condição de ser leal, seja a um amigo ("A Cor do Dinheiro"), a uma causa ("Gangues de Nova York"), a um amor ("A Era da Inocência") ou, neste caso, a Deus. Ser leal envolve sacrifício. E o padre Rodrigues (Garfield) vai, a duras penas, aprender uma lição que Scorsese já nos dera em "A Última Tentação de Cristo" (1988), ao se debruçar sobre o mito de Judas Iscariotes: nos desígnios de Deus, o traidor algumas vezes é a peça central da fundação da Fé como um bem maior... e coletivo.

No roteiro de Jay Cocks, a relativização será a linguagem imperial: cada certeza que Rodrigues carrega (e nós também) desloca-se para um outro ponto de vista, não um em que ele deva abandonar suas convicções, mas sim um em que ele tenha de aprender a exercitar seus credos de novas formas – mais e melhores formas, melhores para o Outro... e para Deus. Percebe-se à certa altura que não se trata de um filme sobre o exercício da fé, e sim um filme sobre arrogância. A arrogância institucionalizada. Aprende-se isso não dos padres heróicos – a princípio – mas das bestas feras que os acossam de katanas na mão. Os guerreiros japoneses, vistos numa primeira conexão como animais selvagens, vão nos ensinar, de uma maneira por vezes debochada – como nos prova o genial senhor da guerra vivido por Issei Ogata, na atuação mais dionisíaca do filme – que o ódio nipônico pela fé Cristã não é uma rejeição religiosa nem um ato demoníaco. O repúdio deles é uma forma de prevenção a uma cultura chegada, como eles dizem, "do Oeste", do Ocidente, e que ameaça jogar por terra tradições nacionais edificadas ao longo de séculos. Ou seja, a questão é, de novo, o perpétuo. O perpétuo da cultura, frente a invasões bárbaras. Só que os bárbaros, neste caso, não são os quem impunham espadas e lançam. São os que erguem a hóstia aos Céus.

Que os entes celestes louvem os/as programadores/as da TV Brasil pela escolha feliz, ou melhor, divina.

Divulgação



Pedro Luis e os demais fundadores do bloco se orgulham de formar novos percussionistas a cada ano, engrossando o bloco que leva anualmente uma multidão ao Centro do Rio

25 anos de **batuque** na cidade

Monobloco celebra duas décadas e meia derramando sua alegria nas ruas cariocas

Por **Affonso Nunes**



Uma antiga marchinha carnavalesca anuncia que "esse ano não vai ser igual aquele que passou". Também pudera. Um dos blocos mais famosos da cidade, o Monobloco, está completando 25 anos de história. Um quarto de século de batucadas, encontros e muita alegria, marcando o ritmo de uma trajetória que atravessa gerações e vem levando multidões às ruas cariocas.

Para coroar essa marca, o bloco escolheu o tema "Nossa história de amor", em homenagem aos incontáveis vínculos que nasceram ao som do Monobloco, uma verdadeira festa de encontros e celebrações. "Acima de tudo, são as histórias de amor que marcam nossa trajetória. Os batuqueiros do Monobloco estão na maior expectativa para fazer um Carnaval inesquecível, devolvendo em dobro todo o amor que a gente recebe a cada ano", argumenta Celso Alvim, um dos fundadores e mestre da bateria que formou centenas de percussionistas nesses 25 anos de carnaval.

Pedro Luís, vocalista e também fundador, reforça e vai além. "Quando decidimos montar uma oficina de percussão usando os instrumentos do samba para contemplar a diversidade da música brasileira, não imaginávamos que chegaríamos aos 25 anos formando tantos batuqueiros e reunindo milhares de pessoas em torno dessa festa. A grandeza da música e a força dos encontros nos trouxeram até aqui. Que venham os próximos 25!".

Celso Alvim, Pedro Luís, Sidon Silva e C.A. Ferrari prometem comemorar a data ao lado da bateria de 140 integrantes, composta por alunos formados nas oficinas de percussão realizadas ao longo do ano. No desfile deste domingo (9), que encerrará o carnaval, um abre-alas reunirá amigos do Monobloco e marcará a estreia do casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira, William Miranda da Silva e Aline da Silva Lima.

O repertório incluirá clássicos como "Taj Mahal", "Fio Maravilha", "Explode Coração" e "Saideira", além de canções que dialogam com o tema de 2025, como "Toda forma de amor", "Eu também quero beijar" e "Do seu lado". O desfile trará ainda sucessos do pop, da MPB e do Carnaval.

SERVIÇO

MONOBLOCO 2025
9/3 - Concentração: Rua Primeiro de Março, 57, a partir das 7h

Hora de aproveitar o **melhor da vida**

No aquecimento da turnê de 40 anos, o Biquini lança o single 'A Vida Começa Agora'

Por **Affonso Nunes**

Às vésperas de mais uma turnê pelo país, o Biquini lança o single "A Vida Começa Agora". Composta pelos quatro integrantes da banda, a faixa é um recado para este momento em que parecemos viver eternamente em um compasso de espera. "Não importa a idade que você tenha, só depende de nós darmos um novo rumo", define o vocalista Bruno Gouveia.

O single integra o primeiro EP em comemoração aos quarenta anos da banda.

Marcos Hermes/Divulgação



Com uma formação estável, o Biquini soube se reiventar sem perder a velha essência da banda formada no auge do Rock Brasil

Com produção de Paul Ralphes, a turnê, que começa em 15 de março no Circo Voador – palco da primeira apresentação oficial do grupo –, leva o nome "A Vida Começa Aos 40". A escolha parece contrariar os versos de "Zé Ninguém" – "quem foi que disse que a vida começa aos 40, a minha acabou faz tempo" –, sucesso do Biquini em 1991. Mas a verdade é que, aos quarenta de carreira, a banda vive sua melhor fase. Seus shows têm lotado arenas, festas e eventos por todo o país. E não apenas por terem chegado a essa marca, mas porque, para alcançá-la, se reinventaram a cada dia. "A Vida Começa Agora" é mais do que um single – é um estilo de vida e a essência do grupo.

Formado nos anos 1980, o Biquini se destacou no rock brasileiro com letras marcantes e melodias envolventes. Sucessos como "Tédio", "Timidez" e "Vento Ventania" atravessaram gerações, consolidando a banda como uma das mais queridas do país. Com uma trajetória marcada por mudanças no mercado e na indústria musical, o grupo soube se reinventar sem perder sua identidade, conquistando tanto os fãs antigos quanto novas audiências. Mesmo com o passar dos anos, a essência da banda permanece intacta, sustentada pela química entre seus integrantes e pela energia característica de seus shows.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Divulgação

Mente aprisionada

O cantor e compositor italiano Damiano David lança 'Next Summer'. A faixa marca o terceiro single de seu aguardado projeto solo, iniciado no ano passado. Nessa canção com uma emoção crua, o artista transita entre alegria e dor. O single chega acompanhado por um clipe oficial. A narrativa do audiovisual serve como uma metáfora para a prisão mental que enfrentamos – uma representação da ideia de que não é o mundo exterior que nos aprisiona, mas sim nossos próprios medos e pensamentos. "Quando nos falta força para enfrentar mudanças, a mente pode se tornar uma prisão", diz ele.

Herança paraense

Uma das inspirações para o enredo da Grande Rio deste ano, Dona Onete apresenta a música "Quatro Contas", um dos singles mais pessoais da artista. No alto dos seus 85 anos, Dona Onete segue cumprindo seu propósito de levar o Pará para o mundo, mergulhando nas encantarias amazônicas e reverenciando entidades que a acompanham desde menina. Produzida por Marcos Sarrazin e gravada dentro de um terreiro, a canção carrega a energia espiritual do carimbó e toda a essência do Pará.

Divulgação



Divulgação



Força e atitude delas

Aproveitando o clima de carnaval, o Di Propósito traz mais uma faixa inédita para o "Encontrin 3". "Gostosa" fala de um romance apaixonante, que reafirma a força, beleza e atitude das mulheres. A faixa soma-se às outras 16 já lançadas, contendo participações de Revelação, Tony Salles, Kaique & Felipe, Bom Gosto, Gabrielzinho, entre outros, completando assim mais um volume do projeto. "Esse é o sétimo EP do nosso 'Encontrin 3'. E essa música vai pra todas as gostosas do Brasil. Toda mulher é gostosa e tem e tem que se sentir assim", conta Pedrinho.

Cleiton Rita/Divulgação



Grelhado Misto de Búfalo

Isabela Pessoa/Divulgação



Ossobuco de bufalo com arroz de açafrão

Deliciosa e **saudável**

Restaurante Otto promove o Festival de Carnes de Búfalo

O restaurante Otto, na Tijuca, promove até o dia 30 seu primeiro Festival de Carnes de Búfalo. Com uma proposta que alia sabor e saudabilidade, o evento apresenta um cardápio especial dedicado à carne bubalina, que possui 40% menos colesterol, 12 vezes menos gordura e 55% menos calorias que a bovina, tornando-se uma opção nutritiva e saborosa.

De acordo com Otto Grunewald, o dono da casa, os cortes utilizados no festival vêm de produtores parceiros do Vale do Café, em Vassouras e Rio das Flores, além da Fazenda do Alemão, pertencente ao Grupo Otto e localizada em Mendes. Todos os produtos possuem Certificado de Inspeção Estadual (CIE), garantindo qualidade e rastreabilidade. Os animais da Fazenda Santa Luiza, em Rio das Flores, são criados a pasto, com manejo que privilegia o bem-estar animal, o que resulta em uma carne mais macia e saborosa.

"Aposto no sucesso da degustação. Todos conhecem a mussarela de búfalo, mas ainda há muito a se explorar nos cortes e na charcutaria. A carne é incrivelmente macia e traz benefícios à saúde", afirma Otto.

No cardápio do festival, destacam-se entradas como Carpaccio de Búfalo, Linguiça Bubalina e a Tábua do Charcuteiro, que inclui embutidos artesanais como salame, pastrame e bresaola. Entre os pratos principais, estão o Saltimboca Bubalino, preparado com escalopes de filé mignon de búfalo, e o Arroz Caldoso de Costela. Para uma experiência completa, a Tábua de Grelhados Mistos de Búfalo traz cortes suculentos acompanhados de palmito natural assado e legumes grelhados.

O restaurante se destaca pelos festivais temáticos, como o tradicional Festival de Palmito Natural Assado na Casca, criado em 1985, o Festival de Carne de Caça e o tradicional Festival de Fondue. Agora, o Otto aposta na carne de búfalo.

SERVIÇO

FESTIVAL DE CARNES DE BÚFALO

Otto (Rua Uruguai, 380 - Tijuca)

Diariamente, das 11h30 às 0h

Isabela Pessoa/Divulgação



Saltinbocca Bubalino

BAILE DE MÁSCARAS DE CARNAVAL

JARDIM TROPICAL

ENTRE FLORES E FANTASIAS, O PARAÍSO É REAL

SHOW EXCLUSIVO

IZA

07/MARÇO
ÀS 22H

FAIRMONT RIO

Av. Atlântica, 4240 - Copacabana - RJ


+55 21 2525.1232


copacabana.reservations@fairmont.com



SAIBA MAIS



REALIZAÇÃO

Fairmont
RIO DE JANEIRO COPACABANA

PRODUÇÃO

CAMAROTE
ARPOADOR